

# RESILIÊNCIA URBANA E PANDEMIAS: O CONTEXTO DA CIDADE DE SÃO PAULO.

Congresso Online De Arquitetura E Inovação., 2ª edição, de 20/09/2021 a 22/09/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-94-4

SOARES; Vitória Sanches Lemes Soares<sup>1</sup>, SILVA; Everton Cesar dos Santos Silva<sup>2</sup>, LATERZA;  
Fernando Puccetti Laterza<sup>3</sup>, KAWASAKI; Juliana Iwashita Kawasaki<sup>4</sup>, DONÁ; Ana Caroline<sup>5</sup>

## RESUMO

O tema “resiliência urbana” ganha força conforme a população mundial concentra-se em cidades de médio e grande porte, com riscos inerentes ao adensamento que se somam aos desafios da escassez de insumos trazidos pela insustentabilidade da exploração dos recursos naturais e, também, pelas incertezas relacionadas às mudanças climáticas. Neste estudo, trabalha-se com a resiliência das cidades na dimensão ligada às pandemias, que trazem, além do risco de morte, a possibilidade de colapso de estruturas de saúde, de impactos socioeconômicos negativos e de agravamentos por potencialização de problemas preexistentes nos espaços urbanos. Dessa forma, tem-se como objetivo a elaboração de diretrizes para o auxílio na resiliência urbana durante pandemias, notadamente aquela causada pelo Sars-CoV-2, considerando a realidade e as políticas adotadas pela Prefeitura Municipal de São Paulo. Do ponto de vista metodológico, buscou-se, a partir do estudo de bibliografia específica e de dados atualmente disponíveis, identificar problemas, descrevê-los conceitualmente e, assim, realizar uma análise capaz de apontar sinergias para uma formulação propositiva focada em soluções. Neste sentido, foram abordadas as principais dimensões que compõem o cenário atual de vigilância em saúde brasileira e combate à pandemia, as ocorrências históricas e as boas práticas, através do estudo das estratégias adotadas por Cingapura, Nova Zelândia e Chile. O resultado da análise dessas dimensões apontou, como forma mais efetiva e imediata, para a necessidade de fortalecimento das ações de contenção de epidemias já realizadas pelas vigilâncias de saúde, através de apoio desdobrado no ambiente construído em dois eixos: ações estruturais (infraestruturas, novos equipamentos e tecnologias) e ações estruturantes (gestão e ações educacionais) em uma ótica temporal de curto, médio e longo prazo. Como medidas de curto prazo, foram destacadas a importância do *lockdown*, das atividades remotas, da utilização do urbanismo tático para manutenção do distanciamento social, da existência de mobiliário para higienização frequente das mãos, da distribuição de máscaras adequadas (alinhada ao treinamento da população), da restrição de entrada e saída de pessoas no país e do desenvolvimento da telemedicina e de aplicativos de monitoramento. Para médio prazo, destacaram-se a importância dos espaços flexíveis, da arquitetura efêmera, do avanço da vacinação (alinhada ao Programa Nacional de Imunizações), da qualidade do ar em ambientes internos (baseada nas tecnologias de filtragem do ar e das lâmpadas UV-C) e da esterilização da água. Para longo prazo, tem-se a proposta de redesenho urbano baseado no conceito de “cidade de 15 minutos”, que incentiva a oferta de comércios e serviços a uma distância máxima de 15 minutos de caminhada, a partir do local de residência, permitindo que os bairros funcionem de maneira autônoma, incentivando o deslocamento ativo e facilitando as medidas de bloqueio utilizadas pela vigilância epidemiológica. Além disso, destacam-se a importância de educar e envolver a sociedade na resposta à pandemia, juntamente com revisões de leis e normas, entre elas as relacionadas aos Estabelecimentos Assistenciais de Saúde e ao Uso e Ocupação do Solo. Assim, conclui-se que é preciso um mosaico de ações, com postura ética manifestada em uma cultura cidadã, para que se alcance a resiliência urbana.

**PALAVRAS-CHAVE:** COVID-19, Pandemia, Resiliência Urbana, São Paulo, Saúde

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade Estadual de Londrina – Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, vitorialsoares@usp.br

<sup>2</sup> Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Santos – Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, evertorlcs@usp.br

<sup>3</sup> Arquiteto e Urbanista pela Universidade Nove de Julho – Mestre em Habitação pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, fernando.laterza@usp.br

<sup>4</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade de São Paulo – Mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo, juliana.iwashita@gmail.com

<sup>5</sup> Engenheira Civil pela Universidade Paulista – Especialista em Gestão Tecnológica em Edificações Sustentáveis pela Universidade Federal de São Carlos – Especialista em Arquitetura Hospitalar pelo Instituto Israelita Albert Einstein

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade Estadual de Londrina – Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, vitoriaslsoares@usp.br

<sup>2</sup> Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Santos – Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, evertoncs@usp.br

<sup>3</sup> Arquiteto e Urbanista pela Universidade Nove de Julho – Mestre em Habitação pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, fernando.laterza@usp.br

<sup>4</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade de São Paulo – Mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo, juliana.iwashita@gmail.com

<sup>5</sup> Engenheira Civil pela Universidade Paulista – Especialista em Gestão Tecnológica em Edificações Sustentáveis pela Universidade Federal de São Carlos – Especialista em Arquitetura Hospitalar pelo Instituto Israelita Albert Einstein